

Padrões de concordância de primeira pessoa do plural na variedade urbana do Português em Moçambique

Patterns of first person plural agreement in the urban variety of Portuguese in Mozambique

Bianca Ferreira Costa¹
Sílvia Rodrigues Vieira²

Resumo

Com o objetivo de contribuir com a análise comparativa de variedades nacionais da Língua Portuguesa, o presente trabalho descreve a concordância verbal de primeira pessoa do plural na variedade urbana do Português falado em Moçambique, avaliando a proximidade ou o distanciamento de seus padrões de uso em relação, principalmente, à norma europeia, supostamente adotada como referência escolar. Para tanto, investiga o comportamento do fenômeno, partindo dos preceitos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Os resultados demonstram que, à semelhança da variedade europeia, a concordância padrão é quantitativamente produtiva na variedade urbana moçambicana. Em termos qualitativos, entretanto, a variabilidade da regra segue tendência oposta à da variedade europeia: de um lado, registra dados variáveis (apenas na fala de alguns participantes) quando se trata do sujeito pronominal nós, o que não se atesta no Português Europeu; de outro, a variante padrão revela-se categórica quando empregado o sujeito pronominal a gente, contexto em que se constata variação no Português Europeu. Os resultados, além de contribuírem com a análise comparativa das variedades, ensejam reflexões acerca das motivações para o comportamento dos dados não só em termos linguísticos, mas sobretudo em termos extralinguísticos, considerando o contexto multilíngue que caracteriza a sociedade moçambicana.

Palavras-chave: Sociolinguística. Português em Moçambique. Concordância verbal. Primeira pessoa do plural

Abstract

In order to contribute to the comparative analysis of national varieties of the Portuguese language, this paper describes the first-person verbal agreement of the plural in the urban variety of Portuguese spoken in Mozambique, assessing the proximity or distance of their usage patterns in relation to the European standard, supposedly adopted as a school reference in the country. Therefore, it investigates the behavior of the phenomenon, based on the precepts of the Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). The results show that, like the European variety, the standard agreement is quantitatively productive in the Mozambican urban variety. In qualitative terms, however, the rule's variability follows the opposite trend to that of the European variety: on the one hand, there are variable data (only in the speech of some participants) when the subject pronoun is nós, which are not attested in European Portuguese; on the other hand, the standard variant is categorical when the subject is a gente, a context in which variation in European Portuguese is found. The results, in addition to allowing a comparative analysis of the referred urban varieties of Portuguese, give rise to reflections on the motivations for the behavior of the data not only in linguistic terms, but especially in extralinguistic terms, considering the multilingual context that characterizes Mozambican society.

Keywords: Sociolinguistics. Portuguese in Mozambique. Verbal agreement. First person plural.

Recebido em: 18/03/2021.

Aceito em: 21/12/2021.

¹ Mestranda em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) <https://orcid.org/0000-0002-0415-7692>

² Professora associada (nível IV) do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, Bolsista de produtividade 2 do CNPq (2015; 2018). Atua nos Programas de Pós-graduação em Letras Vernáculas e no Mestrado Profissional em Letras, na UFRJ. <http://orcid.org/0000-0002-3068-4322>

1. Introdução

Embora seja ampla a investigação do fenômeno da concordância verbal (CV) na Língua Portuguesa (LP), a descrição científica do tema na modalidade falada de variedades africanas carece de maior investimento. Tendo em vista a relevância da expressão da pluralidade como índice de padrões gramaticais (VIEIRA; BRANDÃO, 2014), este estudo objetiva descrever a concordância de primeira pessoa do plural no Português falado em Maputo, capital de Moçambique, e, com base nessa descrição, contribuir com a análise comparativa de variedades nacionais da Língua Portuguesa.

Interessa averiguar, de forma especial, o estatuto da(s) variedade(s) moçambicana(s) do Português, tendo em vista a ainda recente implantação da LP como oficial (1975), em meio ao intenso contato multilinguístico que caracteriza a sociedade. No país, conforme último censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2017³, coexistem com o Português cerca de 20 línguas do grupo Bantu. Embora seja crescente o número de falantes que adquiriram a LP como língua primeira (L1), eles representam 16,6% da população. Não obstante o uso extensivo das línguas autóctones, o Português é considerado língua de prestígio social, ocupando espaço obrigatório na escola. Nesta, a norma de referência supostamente adotada é a europeia, o que, por hipótese, pode sustentar certa semelhança entre os padrões gramaticais ao menos da variedade formalmente aprendida em Moçambique e os do Português Europeu; de outro lado, a forte presença e o uso das línguas autóctones nas relações sociais também implicariam feições particulares da variedade moçambicana da LP. Tendo em vista esse complexo conjunto de influências – típicas de contextos de línguas pluricêntricas (BAXTER, 1992) –, o conhecimento de dados moçambicanos é de extrema relevância para sustentar propostas como a de Brandão e Vieira (2019), que estabelece um *continuum* de concordância em variedades do Português.

De fato, a diversidade de perfis de falantes em Moçambique precisa ser especialmente considerada para a compreensão dos fenômenos gramaticais em questão. A situação de multilinguismo fica evidente no fato de que, considerando o total de falantes recenseados em 2017 no país (22.243.073), cerca de 53% da população declara não saber falar a língua oficial. No entanto, essa parcela da população está distribuída no território de forma bastante diferente: enquanto 77% dos moçambicanos das zonas rurais declaram não saber falar português, apenas 31,7% dos indivíduos das zonas urbanas o fazem. Neste trabalho, como se detalhará adiante, conta-se com dados do *Corpus Moçambique-Port* (VIEIRA; PISSURNO, 2016)⁴, produzidos tanto por falantes que possuem a LP como língua primeira (L1), quanto por falantes que a possuem como língua segunda (L2).

Levando em conta os dados coletados nas entrevistas, o estudo, de natureza variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; 2001; 2003), analisa as formas alternantes da marcação morfológica de pluralidade (*a gente canta* x *a gente cantamos* / *nós cantamos* x *nós canta*) na expressão da primeira pessoa do plural (1PP), considerando os elementos linguísticos e sociais que, por hipótese, possam exercer alguma influência sobre o fenômeno. Para tanto, o presente artigo estrutura-se em três outras seções, além desta introdutória, de modo a (i) traçar um panorama das tendências da

³ Índices extraídos do IV Recenseamento Geral da População e Habitação (quadros 22, 23 e 24), disponibilizados em <<http://www.ine.gov.mz>>.

⁴ O referido *corpus* e o *Corpus concordância* (2011) foram constituídos no âmbito do Projeto Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português (cf. <<https://corporaport.letras.ufrj.br>>).

concordância verbal, sobretudo na expressão da 1PP, em variedades do Português (segunda seção); (ii) descrever o comportamento do fenômeno com base em dados da fala urbana moçambicana (terceira seção), apresentando, para tanto, os pressupostos teórico-metodológicos gerais assumidos e os resultados alcançados; e (iii) refletir, antes das considerações finais, sobre a (im)possibilidade de estabelecer o estatuto da regra de concordância na variedade moçambicana e de propor, a partir das tendências descritas, uma análise comparativa entre as variedades da LP (quarta seção).

2. Concordância verbal: descrição de variedades do Português e delimitação do tema

O estatuto da regra de expressão de número no âmbito da concordância não se estabelece de forma análoga em todas as variedades do Português. Desse modo, observar a proximidade e o distanciamento do fenômeno em cada variedade, consoante o controle de variáveis estruturais e sociais, constitui condição para qualquer consideração de natureza comparativa.

A respeito do tema, a abordagem tradicional luso-brasileira (CUNHA; CINTRA, 1985) considera que o verbo deve seguir formalmente as noções de número e pessoa do sujeito. Sendo assim, propõe que a forma verbal deve compartilhar os traços paradigmáticos de 1ª pessoa do plural ao concordar com o sujeito *nós* (*cantamos*), e de 3ª pessoa do singular ao concordar com o sujeito *a gente* (*canta*). Em relação ao sujeito composto (como em *eu e outros*), assume que o verbo deveria privilegiar o traço de plural – tendo em vista os dois núcleos do sujeito –, embora admita o uso do singular, em casos especiais em que o verbo se alinhe ao elemento mais próximo.

Por outro lado, os estudos linguísticos, ao descreverem o fenômeno da concordância verbal em diversas comunidades de fala, salientam a variabilidade da regra. Admitem, assim, que a expressão de pluralidade verbal se diversifica não só entre as variedades geográfica ou socialmente configuradas, mas também dentro de cada variedade, em função de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Os resultados apontam que os falantes podem produzir formas verbais relacionadas aos sujeitos *nós* e *a gente* variando os traços de número e pessoa, de modo a realizar *nós cantamos* ou *a gente cantamos* – no caso do paradigma original de verbos da 1ª pessoa do plural –, ou *nós canta* ou *a gente canta* – com a forma verbal na 3ª pessoa do singular.

A abordagem variacionista da concordância, sobretudo no âmbito da Sociolinguística brasileira, é vastíssima e não caberia ser reportada nos limites e objetivos do presente artigo. Desde o trabalho pioneiro de Lemle; Naro (1977), passando pelas contribuições e teses quanto à origem do Português do Brasil (NARO; SCHERRE, 2007; LUCCHESI, BAXTER; RIBEIRO, 2009), o tema tem sido objeto de muitos trabalhos acadêmicos. A breve descrição do fenômeno apresentada neste artigo baseia-se, então, em Vieira e Brandão (2014), que apresenta investigações sobretudo de amostras urbanas contemporâneas do Português falado na área metropolitana do Rio de Janeiro (para o Português do Brasil - PB) e na Grande Lisboa (para o Português Europeu - PE).

Vieira e Brandão (2014), no que se refere especificamente ao tratamento da concordância de primeira pessoa do plural (com base em Marcotulio *et al.*, 2013), demonstram que ambas as variedades realizam, com alta produtividade, a concordância padrão, tanto com o pronome *a gente*, quanto com o pronome *nós*, mas revelando tendências distintas. No que se refere às construções com *a gente*, Vieira e Brandão (2014)

salientam que, enquanto a concordância padrão se estabelece como regra semicatórica na amostra urbana do Rio de Janeiro (99% de *a gente canta*), o fenómeno se comporta, na amostra lisboeta, como regra variável (82% de *a gente canta versus* 18% de *a gente cantamos*). Nesse caso, segundo as autoras, a concordância não padrão (*a gente cantamos*) estaria interligada à preferência do falante europeu em privilegiar o aspecto semântico, herdado da noção de coletividade do substantivo *gente*, enquanto a concordância padrão (*a gente canta*) implicaria privilegiar o aspecto formal. Assim, cabe observar que a variedade europeia, ao realizar a concordância não padrão, o faz em direção ao maior uso de marcas (-*mos*).

Ao tratarem da concordância com o sujeito pronominal *nós*, Vieira e Brandão (2014), tomando por base resultados de Vianna (2011), constataram que a estrutura padrão, embora tenha se revelado altamente produtiva nos dados urbanos de ambas as variedades, apresenta tendências particulares, o que pôde ser confirmado em dados de questionários aplicados a brasileiros e portugueses. Diferentemente dos resultados com o sujeito *a gente*, é o PB que apresenta, no caso das estruturas com *nós*, alternância entre a marcação padrão e não padrão de plural (*nós canta / nós cantamos*), motivada por fatores não só linguísticos mas também sociais, enquanto o PE apresenta apenas ocorrências de concordância padrão (*nós cantamos*), independentemente, portanto, de fatores sociais. Dessa forma, no PB urbano a regra se estabelecerá como variável (90%) e no PE, categórica (100%). Nesse caso, confirma-se a tendência europeia à marcação formal de pluralidade (que se espalha para a concordância com *a gente*, como visto), enquanto se manifesta o aspecto variável no PB com o registro da não marcação padrão de pluralidade (*nós canta*) em variedades populares (MACHADO-VIEIRA, 1995; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009; VIANNA, 2011; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018).

No que se refere à variedade moçambicana do Português (PM), Gonçalves (2015), ao apresentar uma espécie de estado da arte dos estudos da concordância, aponta que o tema constitui “uma área da gramática do PM que necessita de uma investigação mais ampla e mais sistemática, em diferentes perspectivas teórico-descritivas.” (p. 15). Nas descrições de que ela dispunha até então, a maioria delas – “tendo como horizonte intervenções didáticas, destinadas a promover a competência gramatical dos estudantes nesta área gramatical” (p. 14) – contou com a observação de dados orais (do *Corpus PPOM*⁵, com entrevistas da década de 1990) e escritos (em atividades de aprendizagem, principalmente) sobretudo na capital, Maputo, mas sem uma abordagem quantitativa extensa de dados representativos das variedades. Nos referidos estudos, registra-se o cancelamento das marcas de concordância de pessoa e/ou número na fala moçambicana, além de ser desenvolvido um mapeamento dos desvios à norma-padrão europeia na escrita de estudantes. Do conjunto dessas descrições, observa-se que, em termos extralinguísticos, a baixa escolaridade e as profissões de pouco prestígio social, e, em termos linguísticos, a configuração formal do sujeito – composto/completo e não expresso – e sua posição – posposto – constituem fatores relacionados ao cancelamento da marcação padrão de plural na variedade moçambicana do Português.

Pissurno (2017; 2018), contribuindo para o conhecimento do PM, apresentam resultados quantitativos da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, a partir de ocorrências extraídas das entrevistas feitas em 2016, no âmbito do já referido *Corpus Moçambique-Port*.

⁵ Conforme esclarece Gonçalves (2015, p. 13), “o *corpus* oral, recolhido em 1993 no âmbito do projecto Panorama do Português Oral de Maputo (PPOM), é constituído por entrevistas individuais semi-estruturadas a 100 sujeitos com diferentes línguas maternas (ronga, changana e macua), e de encontros destes mesmos sujeitos com parceiros por eles escolhidos.”. Maiores detalhes em Stroud; Gonçalves (1997).

Pissurno (2017) constata a alta produtividade da concordância padrão na fala de indivíduos da região urbana de Maputo, de forma que a regra se estabelece como semicategórica. Detalhando, entretanto, o comportamento dos dados sem a marcação de plural, a autora apresenta os contextos estruturais e sociais que influenciam os padrões de concordância na variedade. Em termos estruturais, a autora atesta a atuação das variáveis posição do sujeito, paralelismo formal, saliência fônica e tipo de verbo do seguinte modo: sujeitos pospostos, sintagmas nominais sujeito sem marca de plural, formas verbais com baixa diferenciação entre o singular e o plural, e verbos inergativos/inacusativos e copulativos constituem elementos desfavorecedores da marcação de plural. Em relação ao condicionamento extralinguístico, além de verificar a baixa escolaridade como fator favorável ao cancelamento da expressão de número plural, analisa o forte contato multilinguístico na região e a frequência de uso da LP e das línguas locais, considerando, para tanto, as próprias declarações dos participantes.

Segundo a pesquisadora, o cidadão urbano moçambicano costuma ser no mínimo bilíngue, como falante de LP e de alguma língua local, de modo que as situações sociointeracionais determinariam o uso de uma ou de outra língua. Assim, após extensa análise de dados, Pissurno (2017) propõe que a coexistência entre as diversas línguas constituiria fator favorecedor do cancelamento da marcação padrão na LP, seja pelo fato de as línguas locais apresentarem diferenças no sistema de expressão de plural – ao fazerem uso de uma marcação prefixal, e não de uma desinência sufixal –, seja pela simplificação morfológica, comum em situações de interação entre falantes de línguas diferentes (LUCCHESI, 2012, p. 252-254). Esses fatores, somados à frequência diversa quanto ao emprego de LP pelos falantes, contribuiriam, então, para que o falante realizasse ou não as marcas formais de concordância verbal.

2.1 Concordância verbal de 1ª pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: aspectos metodológicos e resultados da investigação

Tomando por base os padrões de concordância verificados em variedades do Português, o presente trabalho, valendo-se também do *Corpus Moçambique-Port*, descreve a expressão da 1ª pessoa do plural, para, ao final, tecer considerações que podem contribuir com futuras análises comparativas entre o PM, o PB e o PE.

Assumindo a suposta adoção da norma-padrão europeia como modelar nas escolas moçambicanas⁶, tem-se por hipótese, de um lado, que as feições do fenômeno se assemelhem aos da variedade europeia: assim, a concordância padrão tenderia a ser altamente produtiva em construções com o sujeito *nós* e *a gente*, embora possivelmente mais variável nos casos com *a gente*, como ocorre no PE. Assumindo, também, as condições variáveis de aquisição/aprendizagem da Língua Portuguesa no contexto multilinguístico moçambicano, admite-se, de outro lado, que os contextos de variação da primeira pessoa do plural sejam mais amplos e qualitativamente mais variáveis do que os do PE.

A análise dos padrões de concordância de 1ª pessoa do plural considerando a fala de cidadãos urbanos moçambicanos apoia-se, sobretudo, em pressupostos da Teoria da

⁶ Gonçalves (2015, p. 9-10) propõe, a esse respeito: “A norma tomada oficialmente como referência é o Português Europeu Padrão (PE).” Para maiores informações acerca das feições e da gênese da variedade moçambicana do Português em meio ao plurilinguismo local, consultar, ainda, Gonçalves (2001; 2010); Gonçalves; Chimbutane (2004; 2015); Chimbutane (2018).

variação e mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 2001, 2003). Assumem-se, em linhas gerais, a premissa da heterogeneidade ordenada e a atuação de restrições sobre a regra variável, segundo a qual condicionamentos linguísticos (referentes à estrutura e à posição do sujeito, e à forma verbal) e extralinguísticos (faixa etária, escolaridade, sexo, estatuto da LP como L1 ou L2, frequência de uso da LP) influenciam o comportamento das formas alternantes e o possível processo de mudança. Em relação aos dois últimos fatores sociais listados, cabe ressaltar que, inspirados na proposta de Brandão (2013), eles foram estabelecidos a partir da própria declaração do falante acerca do uso que fazem das línguas, visto que não tinham sido previstos anteriormente como critérios de constituição da amostra.

A amostra sob análise é composta por ocorrências de 34 entrevistas sociolinguísticas, extraídas do *Corpus Moçambique-Port* (VIEIRA; PISSURNO, 2016). Os participantes entrevistados estão distribuídos segundo (i) sexo – homens (15) e mulheres (19); (ii) nível de instrução – fundamental (10), médio (11) e superior (13); e (iii) faixa etária – A: falantes de 18 a 35 anos (15), B: de 36 a 55 anos (12), e C: acima de 55 anos (7).⁷ Após a coleta e a codificação das ocorrências de formas verbais relacionadas a sujeitos de primeira pessoa do plural, os dados foram submetidos ao tratamento com o auxílio do pacote de programas computacionais Goldvarb-X⁸, possibilitando a observação da distribuição de dados na fala de cada indivíduo e por cada variável controlada para a análise e interpretação dos resultados.

Para a abordagem da concordância verbal, foi observada, primeiramente, a expressão do sintagma nominal sujeito de 1PP. Embora não seja este o objeto específico da presente investigação, o mapeamento da expressão de sujeito é fundamental para o tratamento da concordância, a partir das configurações formais do sintagma nominal. Nesse sentido, foram consideradas inicialmente, na coleta de dados, todas as estruturas com sujeito expresso (*nós*, *a gente* e sujeito composto) e não expresso, tendo sido obtido o total de 1757 ocorrências, distribuídas conforme se expõe na tabela a seguir.

Tabela 1: Distribuição dos dados quanto à expressão do sujeito de 1PP

Expressão de sujeito	Valores absolutos	Percentuais
Sujeito não expresso	1066/1754	60,8%
<i>nós</i>	570/1754	32,5%
Sujeito expresso		
<i>a gente</i>	109/1754	6,2%
sujeito composto	9/1754	0,5%

Fonte: COSTA (2019, p. 22)

Como se pode observar, a configuração de sujeito mais produtiva foi a não expressa (60,8%), seguida do sujeito pronominal *nós* (32,5%). A expressão de sujeito do

⁷ Embora – em função de dificuldades naturais relativas às condições de organização dessa amostra, que contou com um período limitado para a realização das entrevistas – não se disponha de amostra estratificada com o mesmo número de falantes por perfil, o material oferece condições de observar a complexidade encontrada em Moçambique, dispondo da fala de indivíduos que declaram ser falantes de Português como L1 ou como L2.

⁸ Conforme se poderá observar nos resultados, a investigação não conta com a análise multivariada – que permite a regressão logística a partir do cálculo de desvio da média ponderada – devido ao fato de a amostra não apresentar uma regra variável, mas semicatórica e limitada à fala de poucos participantes.

tipo *a gente* teve produtividade mais baixa (de apenas 6,2%) e a forma composta foi raramente registrada (0,5%).

Feito esse mapeamento relativo à expressão do sujeito e tendo sido detectada a preferência pela forma expressa *nós*, foi possível a tomada de decisões para a realização da segunda etapa de análise. Nessa fase, os dados de sujeitos não expressos foram desconsiderados, tendo em vista a imprecisão quanto à relação de concordância formal nessas estruturas, no sentido de que não é possível assegurar se o verbo está efetivamente relacionado a *nós* ou a *a gente*. Tomada essa decisão, a análise passou a contar com o total de 688 dados de sujeitos expressos, pelas formas *nós*, *a gente* ou, ainda, por sujeito composto.

Desses 688 dados, a concordância verbal padrão mostrou-se altamente produtiva na fala dos moçambicanos entrevistados, de forma que a regra atua como semicategórica, nos termos de Labov (2003): 96,9% de concordância padrão e 3,1% de não padrão. Embora a tipologia de regras laboviana pressuponha, em termos quantitativos, não haver uma efetiva situação de variação nos casos em que uma forma alternante não ultrapasse a marca de 5% de emprego (o que conseqüentemente inviabiliza a análise multivariada dos dados), é fundamental – conforme propõem Vieira e Brandão (2014, p. 108) – observar o tipo de estruturas em questão em termos qualitativos.

Nesse sentido, convém observar mais detalhadamente as 21 ocorrências (3,1%) em que não se realizou a marcação de plural. A primeira constatação fundamental é que, desse conjunto de dados, 20 estruturas possuem o sujeito pronominal *nós* e apenas 1 ocorrência verbal se relaciona a um sujeito do tipo composto. Dados de 1PP com o sujeito pronominal *a gente* não se revelaram variáveis, como pode ser observado na tabela a seguir, que dispõe o total de ocorrências com marcação de plural para cada forma de SN sujeito.

Tabela 2: Distribuição dos verbos de 1PP com marcação padrão de pluralidade e a expressão de sujeito.

Forma do sujeito expresso	Valores absolutos	Percentuais
<i>a gente</i>	109/109	100%
<i>nós</i>	550/570	96,5%
<i>sujeito composto</i>	8/9	88,9%

Fonte: COSTA (2019, p. 25)

Primeiramente, mesmo considerando os limites do presente artigo (tendo em vista o número limitado de colaboradores da pesquisa, bem a presença de uma possível regra semicategórica intervindo na realização do processo analisado), cabe registrar que, diferentemente da tendência verificada para o PE em alternar entre as formas singular e plural do verbo relacionado ao pronome *a gente* (*canta / cantamos*), a amostra moçambicana não registrou qualquer ocorrência em desacordo com o padrão gramatical, estando a totalidade dos casos com a forma verbal no singular (*a gente canta*). Entretanto, as formas verbais relacionadas à forma *nós*, também ao contrário do que estudos da variedade europeia registraram, apresentaram não só a variante padrão (*nós cantamos*, em 96,5% dos dados), mas também a não padrão (*nós canta*, em 20 ocorrências, o que representa 3,5% dos dados).

Pode-se registrar, ainda, quanto à distribuição dos dados por tipo de sujeito, que, das nove ocorrências verbais relacionadas a sujeito composto, apenas uma não apresentou a concordância padrão.

- (1) Corria a nossa grande Lurdes Mutola era a primeira corrida dela nos jogos... olímpicos... então... *tava* eu e o meu filho mais velho... esperamos ATÉ de madrugada pra ver ela correr. (PMOC3M)

Além de ter sido uma única ocorrência, o dado em questão poderia ser interpretado como ambíguo no sentido de que o verbo (*tava*) pode estar relacionado não efetivamente aos dois elementos constitutivos do SN sujeito, mas ao mais próximo (*eu*). Ademais, considerando o número reduzido de sujeitos compostos, não foi possível propor qualquer generalização a respeito da tendência de concordância nessa construção.

Tendo em vista, então, que a efetiva realização das duas formas alternantes se deu apenas com verbos relacionados ao sujeito preenchido pelo pronome *nós* e que, em termos quantitativos, não se dispunha de uma regra variável prototípica (o que inviabiliza a realização de uma análise multivariada, com a possibilidade de observação da atuação de grupos de fatores condicionadores), optou-se por proceder à descrição das 21 ocorrências sem a concordância padrão (ainda que com o apoio de percentuais gerais).

Primeiramente, um fator que se revelou interessante foi de natureza extralinguística, relacionado ao perfil dos indivíduos que empregaram tais estruturas. Nesse sentido, vale ressaltar que, do total das 21 ocorrências de verbos sem a marca morfêmica de plural, 4 foram realizadas por três participantes – tendo um produzido duas ocorrências e os outros dois uma ocorrência cada –, enquanto as outras 17 foram realizadas por um único participante: o identificado como PMOC1H – homem da faixa etária mais velha (C) e com nível instrucional básico. Esse falante produziu 18 ocorrências de verbos ligados a sujeitos de 1PP, tendo apenas uma apresentado a marca padrão de pluralidade.

Dentre os 17 dados sem concordância com o pronome *nós* como sujeito, chama a atenção, ainda, que as formas não-padrão não são categoricamente do paradigma mais comum, o de terceira pessoa do singular (como em *nós devia*, no exemplo 2); são registradas, ainda, três sentenças com formas verbais na terceira pessoa do plural (como em *nós são*, nos exemplos 3 e 4).

- (2) Eles querem nossos país *nós devia* lutar até ficar com eles epá... (PMOC1H)
 (3) *Nós são* (mulher) do governo. (PMOC1H)
 (4) *Nós são* doutore... (PMOC1H)

Vista a produtividade de dados de marcação não padrão na fala do participante PMOC1H – além da produção de uma estrutura sintática não esperada, como *nós são* –, revelou-se importante analisar o perfil sociolinguístico desse indivíduo. De fato, o referido participante tem características que refletem a situação de multilinguismo moçambicana. Em primeiro lugar, aprendeu a LP tardiamente e unicamente em contextos não instrucionais, por interesse profissional. Assim, apesar de viver na área urbana há bastante tempo, ele declara usar com mais frequência sua L1 – Changana – nas relações interacionais. O emprego preferencial da língua local sugere que o falante pode não ter ativado plenamente o padrão de concordância do Português, que é realizado pela desinência sufixal, diferentemente do que ocorre na língua Changana, cuja expressão de número ocorre por meio de um elemento prefixal.

Observando as particularidades da marcação de plural nos verbos de 1PP na fala desse participante e considerando que a amostra em análise não conta efetivamente com uma regra variável em toda a sua extensão, buscou-se desenvolver um olhar qualitativo

mais detalhado das ocorrências de concordância não padrão. Tendo em vista o comportamento linguístico e o perfil do falante PMOC1H, descreveram-se essas ocorrências quanto às variáveis sociais *Português como L1 ou L2* e *Frequência de uso da LP*.

Em relação à variável *Português como L1 ou L2*, constatou-se, como revelaram estudos anteriores (PISSURNO, 2017, 2018), que os indivíduos que possuem a LP como L1 produzem mais dados de concordância padrão do que os falantes de LP como L2, como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 3 - Distribuição dos dados de verbos com e sem marcação de 1PP segundo a variável Português como L1 ou L2.

Estatuto do Português como L1 ou L2 / Concordância 1PP	L1		L2	
	Valores absolutos	Percentuais	Valores absolutos	Percentuais
Concordância padrão	488/490	99,6%	179/198	90,4%
Concordância não padrão	02/490	0,4%	19/198	9,6%

Fonte: COSTA (2019, p. 28)

Não obstante o fato de os dados terem sido produzidos por poucos indivíduos entrevistados, os resultados sugerem que o fenômeno da concordância verbal de 1PP atuaria como uma regra praticamente categórica (99,6%) para o grupo de falantes que possuem a LP como L1, enquanto, para o grupo de falantes que a possuem como L2, atuaria como regra variável (90,4%).

Pissurno (2017), embora também ateste menor uso da variante padrão por falantes de Português como L2, salienta que esses indivíduos tenderiam a ativar plenamente o sistema de concordância de número quando imersos em situações sociointeracionais onde o emprego da LP se faz habitual. Por esse motivo, importa observar os resultados da concordância de 1PP em relação ao perfil do falante quanto à frequência de uso das línguas em questão por ele declaradas, conforme se representa na tabela a seguir.

Tabela 4 - Distribuição dos dados de verbos com e sem marcação de 1PP segundo o perfil do falante quanto à Frequência de uso da LP e das línguas locais.

Perfil dos falantes quanto à declarada frequência de uso das línguas	Concordância padrão	Concordância não padrão
Falam apenas a LP	98,4%	1,6%
Falam a LP e “compreendem um pouco” as línguas locais	98,9%	1,1%
Falam a LP e uma (ou mais) línguas locais com frequência	99,3%	0,7%
Falam a LP somente em casos de necessidade	5,6%	94,4%

Fonte: COSTA (2019, p. 29)

Os resultados indicam que os falantes que usam a LP frequentemente produzem alta taxa de concordância padrão, independentemente de falarem ou não as línguas locais concomitantemente. A variante não padrão tem alta produtividade quando o participante declara que não a emprega usualmente, situação que se refere exclusivamente ao falante PMOC1H, que produziu a quase totalidade dos dados de marcação não padrão.

Por fim, é importante observar, em termos qualitativos, as construções que se apresentam nos 20 dados de concordância não padrão (excluindo a única ocorrência com o sujeito composto e posposto), de modo a avaliar o perfil estrutural dessas ocorrências supostamente variáveis. Conforme propõem Vieira e Brandão (2014), “quando se lida com comportamento variável, é a extensão dessa variabilidade que instaura o debate acerca do estatuto da língua/variedade.” (p. 83).

Desse modo, verificou-se se a concordância não padrão, que ocorreu exclusivamente com o sujeito pronominal *nós*, foi registrada em contextos gerais ou apenas em contextos considerados específicos, por assim dizer – como o seriam, por exemplo, no caso da concordância de primeira pessoa do plural, as estruturas com o sujeito posposto ao verbo ou anteposto mas distante do verbo. Nesse sentido, verificou-se que apenas alguns poucos dados eram do tipo específico, dentre os quais podem ser destacados dois casos com forma verbal no infinitivo (exemplo 5) e um outro (exemplo 6) no futuro do subjuntivo:

- (5) Nós *ter* que abrir uma nova faculdade... (PMOC1H)
- (6) Eu sou pobre eles também consegue ver que “ah se nós *entrar* nesta casa havemos de sair com coisas” (PMOB1M)

Além do tempo/forma verbal, observou-se a presença do pronome relativo *que* em algumas ocorrências, como nos exemplos a seguir.

- (7) Nós que *era* da polícia... não tinha tempo de ir à escola. (PMOC1H)
- (8) É que nós que não *sabe* nada não entra na política (PMOC1H)
- (9) Aquele que está a agradecer é nós que *está* vivo (PMOC1H)

No que se refere à distância entre os termos em concordância, a maioria das ocorrências também dispõe de sujeito e verbo em posição contígua ou separado por basicamente uma sílaba, como nos exemplos a seguir:

- (10) Na política nós não *pode* entrar (PMOC1H)
- (11) Nós não *devia* negar a oportunidade de ajudar Moçambique (PMOC1H)

Como se pode observar, a não concordância padrão se estende por uma diversidade estrutural, não estando circunscrita a contextos efetivamente particulares. Na realidade, a quase totalidade de estruturas linguísticas foi registrada em sentenças com a ordem canônica SVO (sujeito-verbo-objeto), estando o sujeito próximo ou relativamente próximo ao verbo, com formas verbais diversas (simples e complexas, sobretudo com o modal *poder*), sendo a maioria no presente do indicativo. Diversos dados não possuem sequer qualquer peculiaridade sintática aparente motivadora para o desfavorecimento da marcação padrão, como pode ser visto nos exemplos a seguir, todos com as formas verbais imediatamente após o sujeito:

- (12) A pessoa sabe que nós *tem* sofrimento. (PMOC1H)
- (13) Nós *penso* são antiga tramando alguma coisa. (PMOC1H)
- (14) Nós *são* mulher do governo. (PMOC1H)
- (15) Nós *são* branco já não queremos aqui em Moçambique. (PMOC1H)
- (16) Nós *são* doutore... (PMOC1H)

Ressaltam-se, ainda, as três últimas ocorrências, com *nós* mais 3PP (*nós são*), algo até então não verificado em estudos analisados anteriormente.

3. Para uma análise comparativa da CV de 1PP nas variedades europeia, brasileira e moçambicana do Português

Tendo sido apresentados e detalhados os resultados obtidos, percebe-se que, embora eles sejam absolutamente limitados no que tange à representatividade de uma só variedade moçambicana do Português, trazem informações fundamentais para o embasamento de uma futura análise comparativa de variedades.

Primeiramente, é preciso ponderar que se trata de dados apenas da Capital Maputo, que nem de longe pode ser tomada como a expressão do uso da LP no país. Conforme as informações do Recenseamento mais recente, o de 2017, as províncias rurais apresentam emprego da Língua Portuguesa como L2 ou até como língua estrangeira em proporções muito maiores do que as verificadas na capital.

Chama a atenção, em segundo lugar, o fato de que as ocorrências de concordância não padrão (todas do tipo *nós canta* ou *nós são*) se concentram na fala de apenas quatro participantes que têm o Português como segunda língua, tendo sido a maioria delas produzida por um único falante. Em outras palavras, apenas um perfil de falante produz efetivamente dados de alternância de marcação, enquanto, ao mesmo tempo, o restante dos participantes entrevistados produz quase categoricamente a concordância padrão, assemelhando-se ao comportamento encontrado, nos estudos já citados, no PE.

Desse modo, os resultados relativos à fala de indivíduos urbanos que não têm o Português como L1, nem o empregam frequentemente em casa, podem corresponder, por hipótese, a realidades linguísticas de regiões rurais, o que não pôde ser testado nos limites da presente investigação. Nesse sentido, é fundamental dar continuidade à análise de variedades do PM considerando amostras estratificadas segundo regiões diversas e com o controle da L1 do participante e da frequência de uso. Com base na ampliação do *corpus* com essa configuração, poderá ser aferida a representatividade dos dados de não marcação padrão na variedade moçambicana e avaliar se estruturas como *nós canta* constituem manifestação de um processo de aprendizagem de L2 ou se configuram traços característicos de determinadas comunidades de fala do Português em Moçambique.

Sendo pouco razoável estabelecer um padrão único da variedade moçambicana frente ao fenômeno investigado, revela-se, conseqüentemente, incongruente estabelecer uma efetiva comparação entre o comportamento verificado na fala urbana do PM – visto que não se conta com dados que revelem esses padrões ou permitam fazer, por exemplo, uma meta-análise (nos termos de Freitag, 2021) – e o registrado em estudos sociolinguísticos com amostras de fala urbana brasileira e europeia, conforme sintetizam Vieira e Brandão (2014).

Feitas essas ressalvas, podem-se observar algumas semelhanças e/ou diferenças entre os resultados desses estudos e os apresentados neste artigo.

Primeiramente, as taxas gerais de concordância padrão de 1PP na fala urbana brasileira, europeia e moçambicana, embora se refiram a realidades socio-históricas e

linguísticas bastante diferentes e particulares, revelam alta produtividade da concordância padrão. A tabela a seguir permite observar essa produtividade em cada caso.

Tabela 5: Atuação do fenômeno de concordância verbal de 1PP em variedades urbanas do Português

Variedade do Português	<i>nós</i>	<i>a gente</i>
PE - Grande Lisboa (VIEIRA; BRANDÃO, 2014)	100%	82%
PB - Rio de Janeiro (VIEIRA; BRANDÃO, 2014)	90%	99%
PM - Maputo (COSTA, 2019)	96,5%	100%

Fonte: Vieira; Brandão (2014, p. 101); Costa (2019, p. 25)

Não obstante a alta produtividade da variante padrão de 1PP verificada nas amostras urbanas, o comportamento da regra varia a depender, além do perfil linguístico do falante, da expressão pronominal do sujeito de primeira pessoa do plural, motivo pelo qual cabe refletir sobre o fenômeno de concordância considerando separadamente as estruturas com *nós* e com *a gente*. Os resultados apontam que, em estruturas que possuem o sujeito pronominal *nós*, o fenômeno atua como regra categórica apenas no PE (100% do tipo *nós cantamos*). Nas demais realidades, a variante padrão alterna com a não padrão (*nós cantamos X nós canta*) em uma diversidade de contextos, atuando como regra semicategórica na amostra urbana de falantes moçambicanos (com 96,5%) e variável na amostra urbana do PB (90%).

Considerando as fontes e os índices em questão, observa-se que, em estruturas que apresentam o sujeito pronominal *a gente*, a distribuição dos dados também aproxima a variedade brasileira e o perfil variável de parte da amostra moçambicana, diferenciando-as do comportamento da variedade europeia. O fenômeno atua como regra categórica (*a gente canta*) nos dados moçambicanos e de forma semicategórica – muito próximo da categórica – no PB (99%), enquanto no PE se observa a existência de uma regra variável (82% de *a gente canta versus* 18% de *a gente cantamos*).

Como se pode observar, o comportamento dos falantes moçambicanos entrevistados não segue efetivamente, na totalidade dos dados, a tendência europeia em termos qualitativos. Apesar de os falantes moçambicanos entrevistados, assim como os falantes europeus, produzirem alta taxa de concordância padrão, a regra assume um *status* inverso a depender do tipo de sujeito empregado na expressão de 1PP, quando há variação. Enquanto ao menos quatro dos moçambicanos entrevistados demonstram alternar a marcação da concordância com estruturas de sujeito *nós*, os europeus alternam com estruturas de sujeito *a gente*. Esse comportamento diferente verificado na fala moçambicana faz pensar na origem dessas ocorrências, tendo em vista as feições distintas do fenômeno na norma de referência europeia, supostamente modelar no contexto educacional.

Nesse sentido, cabe destacar, tendo em mente, mais uma vez, os limites do presente artigo quanto ao número de participantes e ao número de dados por contexto, as seguintes semelhanças entre o PB e a fala urbana moçambicana observada: (i) em termos qualitativos, apresentam variação de concordância com *nós* em uma variedade de contextos, variação sensível, ao que tudo indica, a motivações sociais; e (ii) o não atendimento à norma-padrão ocorre com a supressão da marca de número (*nós canta*). De outro lado, contrariamente a essas tendências, nos dados do PE em questão, (i) não se verifica variação de concordância

com *nós*, independentemente de motivações sociais; e (ii) o não atendimento ao padrão (*a gente cantamos*) ocorre com o registro de marca de número plural (*-mos*).

4. Considerações finais

O presente trabalho, ao verificar a variação da concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala de moçambicanos residentes em Maputo, possibilita constatar a realidade linguística complexa que constitui Moçambique. Embora os resultados obtidos estejam limitados à especificidade da amostra, que conta apenas com falantes urbanos de Português como L1 ou L2, de diferentes faixas etárias e escolaridades, podem-se apresentar reflexões importantes para o desenvolvimento de análises comparativas de variedades da LP.

Os resultados demonstram que a concordância padrão é altamente produtiva na fala dos cidadãos entrevistados, de forma que a regra atua, na amostra analisada, como semicatórica. Contudo, diferentemente das hipóteses levantadas inicialmente, o perfil dos participantes não segue integralmente as tendências do PE, tendo em vista, além da atuação do perfil dos falantes, a quase oposição do estatuto da regra em relação à expressão de 1PP com as formas pronominais *nós* ou *a gente*. Enquanto a variante padrão acontece de forma categórica nas amostras dos falantes moçambicanos entrevistados e na do PB quanto à expressão com sujeito *a gente*, a regra atua como variável na amostra do PE. De modo inverso, a concordância verbal de 1PP com o sujeito *nós* de acordo com o padrão se apresenta como regra categórica no PE, enquanto na fala de parte dos participantes moçambicanos e na do PB se apresenta como variável. Essa variabilidade nos dados coletados em Maputo demonstra a influência do perfil linguístico do participante, sendo o falante que aprendeu o português tardiamente e que o emprega em contextos muito específicos aquele que tenderia a produzir a concordância não padrão.

Embora não caiba nos limites desta breve pesquisa propor generalizações acerca das origens dos padrões variáveis de concordância de primeira pessoa do plural no PB e na fala dos participantes moçambicanos considerados, entende-se que as evidências empíricas das variedades contemporâneas urbanas do Português se somam às apresentadas por outros estudiosos, no sentido de sugerir – em um suposto *continuum* da concordância na LP (PETTER, 2015; BRANDÃO; VIEIRA; 2018) – o alinhamento das variedades transplantadas das línguas chamadas pluricêntricas, sobretudo em termos qualitativos, em oposição ao comportamento da variedade europeia.

Ademais, fica claro que o controle da frequência de uso das línguas locais declarada pelo falante moçambicano colabora no sentido de apontar a provável correlação existente entre a situação de contato multilíngue e a maior simplificação morfológica na expressão de número. De toda forma, seja pelo fato de as línguas locais apresentarem diferenças no sistema de expressão de plural, seja por razão de transmissão linguística distinta, com possíveis padrões alterados morfológicamente, a cada geração de falantes (motivações que não foram objeto desta investigação), os resultados da fala urbana brasileira, relatados de outros estudos, e moçambicana, ora apresentados, confirmam a propensão à ausência de marcação de número nessas variedades em direção contrária aos padrões empregados no PE, agindo este sempre em direção ao maior uso de marcas de pluralidade.

Por fim, espera-se que as próximas etapas da investigação acerca da concordância desenvolvam e ampliem a análise de dados da fala moçambicana em contextos não só urbanos mas também rurais, e com indivíduos de diversos perfis quanto à escolaridade e ao emprego das línguas em contato. Certamente, a consolidação de resultados a partir da replicação das investigações sociolinguísticas a outras realidades poderá contribuir para a interpretação e a descrição das variedades do Português em toda a sua complexidade e extensão.

Referências

- BAXTER, Alan N. Portuguese as a pluricentric language. In: CLYNE, Michael (Org.). **Pluricentric languages**. Berlin: Mouton De Gruyter, 1992. p. 11-43.
- BRANDÃO, Sílvia F. Patterns of plural agreement within the noun phrase. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 12, n. 2, p. 51-110, 2013.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Chapter 11. The agreement continuum in urban samples of African, Brazilian and European varieties of Portuguese. In: LÓPEZ, L. A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. O. de (Ed.). **The Portuguese continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 267-289. (Issues in Hispanic and Lusophone Linguistics 20)
- CHIMBUTANE, Feliciano S. Portuguese and African Languages in Mozambique: A sociolinguistic approach. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de (Ed.). **The portuguese language continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 89-110.
- COSTA, B. F. **“É muito difícil pra nós conseguir entrar na faculdade”**: análise sociolinguística da concordância de primeira pessoa do plural na variedade urbana do Português de Moçambique. 2019. Monografia. (Graduação em Letras: Português-Latim) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FREITAG, Raquel M. K. **Como fazer meta-análise com dados sociolinguísticos?** Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/meta.html/>. Atualizado em: 11-04-2021.
- GONÇALVES, Perpétua. Panorama geral do português de Moçambique. **Revue belge de philologie et d'histoire**, v. 3, n. 79, p. 977-990, 2001.
- GONÇALVES, Perpétua. **A gênese do Português de Moçambique**. Lisboa: INCM, 2010.
- GONÇALVES, Perpétua. Aspectos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal. **Cadernos da ALFAL**, n. 7, p. 9-16, 2015.
- GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano S. O papel das línguas bantu na gênese do português de Moçambique: O comportamento sintático de constituintes
- Leitura, Maceió, n. 71, set./dez. 2021 – ISSN 2317-9945
Estudos Linguísticos e Literários p. 02- 17

locativos e direccionais. **Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 14, p. 7-30, 2004.

GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. S. (Org.) **Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique**: Em direção a uma coerência entre discurso e prática. Moçambique: Alcance Editores, 2015.

GONÇALVES, Perpétua; STROUD, C. (Org.) **Panorama do Português oral de Maputo, v. II** – A construção de um Banco de “Erros”. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1997. (Cadernos de Pesquisa n° 24)

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **IV Recenseamento geral da população e habitação – 2017: resultados definitivos – Moçambique**. Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2019.

LABOV, William **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard (Ed.) **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony J. **Competências básicas do Português**. Rio de Janeiro: Mobral MEC, 1977.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O Português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Bahia: EDUFBA, 2012. p. 252 -254.

MACHADO-VIEIRA, Márcia dos Santos. **Sujeitos pronominais nós" & "a gente": variação em dialetos populares do Norte fluminense**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

MARCOTULIO, Leonardo; VIANNA, Juliana; LOPES, Célia. Agreement patterns with ‘a gente’ in Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 12, n. 2, p. 125-149, 2003.

NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta P. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Ampliando o continuum afro-brasileiro de português. **Papia - Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 25, p. 305-317, 2015.

PISSURNO, Karen Cristina da Silva. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

PISSURNO, Karen Cristina da Silva. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, S. F. (Org.) **Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas.** São Paulo: Blucher, 2018. p. 75-91.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony J. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de Linguística Galega**, vol. especial, p. 13-27, 2018.

VIANNA, Juliana B. Segadas. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do Português.** Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Linguística** 30 (2), p. 81-112, 2014.

VIEIRA, S. R.; PISSURNO, K. C. S. (Org.). **Corpus Moçambique-PORT.** Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2016. Disponível em: <<http://www.corporaport.letras.ufrj.br>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov (Ed.) **Directions for Historical Linguistics.** Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.